

sualidade (fase de latência). Ao estímulo da puberdade, desperta-se a libido então na plenitude da maturidade, suscitando a atração do indivíduo para outro do sexo oposto e não pertencente à mesma família (fase genital).⁹³

Na interpretação psicanalítica, as noções de Deus e Diabo, de Céu e Inferno, têm a mesma origem que a formação do Super-Ego: a figura paterna. Todo pai assume aos olhos do filho uma figura onisciente, onipotente e perfeita, capaz de fazer o Bem e o Mal.¹²⁴ Na conclusão psicanalítica de Jones,¹²⁵ o pai, para a criança, com as suas atitudes de aprovação e de recriminação, impõe-se inicialmente como alguém ao mesmo tempo bondoso e mau, simultaneamente Deus e Diabo. Quanto mais o pai se revela bom, tanto mais se define como se fôsse Deus. O lar bem organizado, tranqüilo, feliz, proporciona a imagem do Céu.⁶² Quando o genitor se apresenta mau, suscita a impressão de Diabo. A família dissociada e infeliz inspira a idéia do Inferno.⁶² Já se tornou proverbial que o Inferno há de ser uma casa onde todos reunidos se importunam e se afligem reciprocamente, consoante focalizou Sartre na peça "Huis-clos".²⁰⁵ A medida que percebe as fraquezas e defeitos do pai e deixa de considerá-lo como um ideal de superioridade e onipotência, a criança, na satisfação das tendências para exteriorizar os seus anseios pela perfeição e para venerar algo de absoluto, olha para cima e se convence de que existe Deus, uma entidade perfeita e intangível instalada nas alturas do Céu.²³ Assim a figura de Deus é uma projeção, em forma ampliada e idealizada, da figura do bom pai.¹²⁵

Em função das tendências para lançar fora tudo quanto fôr abominável e para demonstrar a repulsa pelo que foi condenado pelos adultos circunstantes, a criança admite a existência do Diabo, entidade odiosa que sintetiza todo o Mal e reside no Inferno, no centro da terra.¹²⁵ O Diabo, conforme assinalou a psicanálise de Rosette Dubal,⁶² é a encarnação do mau pai. Nessas condições, o pai e, por conseguinte, o Diabo, apesar de mau, nunca se torna totalmente detestado. Em relação ao genitor e, portanto, ao Demônio, o homem alimenta um conflito de amor e ódio, consoante assinalou Freud⁹² a propósito de um caso de neurose demoníaca registrado no século XVII: o pintor Cristofe Haitzmann, inconformado com a morte do genitor, fez um pacto com o Diabo, entregando-lhe a alma desde que o Demônio fôsse o seu pai no espaço de nove anos. O Diabo se lhe afigurara um substituto bemvindo do pai. Segundo observou Jones,¹²⁴ as relações dos homens com os seres sobrenaturais são reproduções das atitudes das crianças para com os pais. "A vida religiosa, disse Jones,¹²⁴ representa uma dramatização, no plano cósmico, das emoções, dos medos e das aspirações que surgiram nas relações da criança com os pais".

Na interpretação de Freud,⁹¹ a religião se originou da tentativa do filho expiar e alcançar o perdão no tocante ao crime cometido contra o pai. Na horda primitiva, o pai expulsou os filhos e guardou para si todas as mulheres. Os filhos mataram o velho pai, devoraram-no para se apoderarem dos seus atributos superiores de chefe e se satisfizeram sexualmente com as mulheres da clã. Depois, sob o peso do sentimento de culpa, do temor no tocante ao pai morto e do horror do incesto praticado, buscaram esquecer os crimes cometidos, instalando-se o *complexo de Édipo*. Personificaram o pai assassinado num totem, de preferência num animal. O totem se tornou tabú: algo de poderoso, venerado, temido, intocável, execrando. As mulheres da clã também se tornaram tabús (*barreira do incesto*).

Os homens só poderiam ter relações sexuais com as mulheres de outras clãs (*lei da exogamia*). Entretanto, em determinadas épocas, os membros da clã matavam o totem e o devoravam, para introduzir nos seus corpos as prestigiosas qualidades próprias do pai (*repasto totêmico*).

Na generalização de Freud, todos os deuses das diversas religiões foram apenas substitutos dos totens das clãs primitivas, as imagens simbólicas equivalentes à figura do pai. O totemismo, com as suas restrições morais e suas cerimônias, radicado no *complexo de Édipo* constituiu os primórdios de todos os cultos religiosos. No Gênesis, de acordo com a interpretação psicanalítica,⁶² a revolta de Lúcifer contra Deus significou a luta do Filho contra o Pai. Adão também se revoltou contra o Pai e, com o simbolismo da ingestão do fruto proibido, oferecido por Eva, possuiu sexualmente a Mãe. A serpente constituiu a figura mítica do Pai, do Mau Pai, ou seja, do Diabo, que deseja guardar a Mãe e que, com as suas proibições, induz à *tentação*.⁶² A Ceia de Cristo representou uma repetição do repasto totêmico e, no cristianismo, no Sacramento da Eucaristia, com a ingestão de Cristo através da Hóstia, também existe a reconstituição do primitivo banquete totêmico.¹⁹⁰ Adão talvez haja matado o Pai, pois, para redimir a humanidade do pecado original, Cristo teve de morrer na Cruz, de acordo com a pena de talião.⁹¹ Na interpretação de Freud,⁸⁵ o sentimento de culpa, ligado ao *complexo de Édipo*, que, na vida dos indivíduos, às vezes condiciona as obsessões, preside à estruturação dos sistemas religiosos, na vida dos povos, nos mesmos moldes obsessivos. A humanidade, no escoar dos séculos, viria sofrendo de uma neurose compulsiva, a religião, da qual haveria de se libertar à custa da conquista de maior maturidade e do avanço da ciência.⁷⁸ Cada indivíduo renunciaria a essa ilusão quando deixasse de temer autoridades e se atrevesse a pensar com independência.⁹⁵

Na interpretação freudiana, o indivíduo, em consequência de condições hereditárias e de acontecimentos ocorridos na infância, pode apresentar personalidade mais ou menos imatura, com *fixações* da libido às fases pré-genitais da sua evolução.⁹⁰ Assim o indivíduo, sob a pressão de circunstâncias adversas, mais facilmente tende a regressar aos estádios anteriores da libido. Com essas *regressões* da personalidade, o Ego, com repugnância, volta a debater-se com antigos conflitos afetivos, então reativados, e deixa de controlar com a habitual eficiência as tensões emocionais reprimidas no Id.⁹⁰ Então, os impulsos instintivos expandem-se mais intensamente, apesar da intervenção dos mecanismos de defesa do Ego — repressão, conversão, projeção, formação reativa, racionalização, introjeção e outros.¹⁶¹ O indivíduo torna a apresentar manifestações próprias da infância, que constituem os múltiplos quadros nosográficos da Psiquiatria, de caráter neurótico ou psicótico, conforme discriminou Karl Abraham em esquema sintetizado por Pichón-Rivière.¹⁶¹ Trata-se de uma *regressão* da personalidade às situações ligadas à infância, acolhidas de modo penoso,⁹⁰ como se fôsse, a nosso ver, uma espécie de descida ao Inferno. Quando a *regressão* não desperta qualquer resistência por parte do Ego, a libido alcança verdadeira satisfação, nos moldes anormais, ocorrendo a *perversão*.⁹⁰ a nosso ver equivalente à condição do feiticeiro que dócilmente se entrega ao Diabo e ao Inferno.

Segundo a teoria psicanalítica,⁹⁰ na *neurose*, a nosso ver equivalente à *obsessão diabólica*, o Ego, ainda em contato com o mundo exterior e com a libido voltada para os objetos externos, opõe-se à invasão da zona da consciência pelos impulsos do Id, de acordo com a